

## Anotações sobre a Mostra África(s): Cinema e Revolução

Por Izabel de Fátima Cruz Melo\*



A Mostra África(s) proporcionou uma imersão numa filmografia pouco conhecida no Brasil que trata e participa dos processos de independência e formação das identidades nacionais de Moçambique, Guiné Bissau e Angola durante e após as guerras coloniais. Através dos filmes, mesa redonda, debates, textos do catálogo e oficinas foi possível compreender a importância do cinema, inicialmente como narrador, mas também como uma documentação significativa das lutas, utopias, reveses e frustrações que envolvem a reflexão a respeito da independência destes países.

A partir do que foi exibido e debatido nos 14 dias de programação, é possível perceber o importante papel do cinema nos três países na tentativa de estabelecer interpretações africanas das suas próprias histórias e trajetórias, reconhecendo a importância do rompimento do jugo colonial, não só nos aspectos políticos e econômicos (o que seguramente não é pouca coisa), mas, sobretudo nos aspectos culturais, e nos imaginários de construção dessas novas nações apoiados na ideia da revolução socialista e consequentemente da busca pelo “homem novo”.

As lideranças dos partidos revolucionários FRELIMO (Moçambique), MPLA (Angola) e PAIGC (Guiné-Bissau e Cabo Verde) buscavam unir nos seus respectivos ideários nacionais e num certo sentido, panafricanista, uma proposta de unidade que superassem os chamados “tribalismos”, ou seja, as características específicas das diversas etnias presentes nos territórios, mas ao mesmo tempo reivindicando as peculiaridades e qualidades próprias dos povos africanos, criando nações que, pelo menos no horizonte de expectativa das suas lideranças, seriam capazes de superar as limitações perpetradas pelo colonialismo, indo ao encontro do socialismo, compreendido como solução mais avançada e potente para a saída do subdesenvolvimento.

O caso de Moçambique é significativo, pois o governo revolucionário da FRELIMO conseguiu implementar o INC (Instituto Nacional de Cinema), aparentemente concretizando de maneira mais sistemática a desejada hegemonia africana sobre a criação das suas próprias imagens e narrativas sobre a sua história. Apesar deste desejo autonomista, o INC e suas atividades foram possíveis a partir da colaboração e parceria de cineastas e instituições de outros países, tais como Brasil, França, Cuba e Iugoslávia.

Nesta perspectiva, destacam-se as conexões transnacionais e, sobretudo, as amizades socialistas, que na perspectiva de Ros Gray (2016: 35-65) apontam para a constituição de comunidades afetivas, com grandes traços colaborativos, mas ainda assim bastante conflituosas e desiguais. Isto foi possível perceber, ao acompanhar de maneira associada ao artigo de Gray, as reflexões de Camilo de Sousa<sup>1</sup>, tanto no artigo “Fazedores de cinema em

---

<sup>1</sup>Nascido em Lourenço Marques, posteriormente Maputo em 1953. Depois de ter participado na luta pela Independência de Moçambique, trabalhou na Província de Cabo Delgado, criando a primeira rede moçambicana de correspondentes populares de informação e levando o cinema móvel a todos os distritos. Trabalhou no Instituto Nacional de Cinema (1980 a 1991). Desde 2001 associou-se à Ébano Multimédia, onde é realizador e produtor. É membro fundador e

---

Inhaka e Xefina” (2016:115-120), quanto na mesa redonda “O nascimento do cinema moçambicano”, tratando das questões envolvidas na realização d’*O tempo dos leopardos (Vreme Leoparda, 1985)*, coprodução Moçambique/lugoslávia, na qual ele dividiu a direção com Zdravko Velimorovic. Segundo Sousa, as divergências na concepção do filme geraram o desejo entre os cineastas e técnicos do INC por uma produção ficcional inteiramente moçambicana tratando do processo de independência, intenção que concretizou em 1987 com *O vento sopra do norte*, dirigido por José Cardoso.

Esta mesa redonda contou também com a presença de Isabel Noronha<sup>2</sup> e Ruy Guerra<sup>3</sup>, que junto com Sousa, representavam as três primeiras gerações de cineastas moçambicanos, além de José Luis Cabaço (ex-ministro da informação do governo de Samora Machel), que a partir das suas memórias refazem o percurso de criação do cinema moçambicano, ressaltando sua importância para a formação da identidade e imagem nacional, marcando aqueles que são considerados os pontos mais relevantes.

Foi possível observar durante toda a mostra, algumas repetições na composição das imagens. Há um repertório que se multiplica de forma espelhada tanto nos documentários e *noticieros* cubanos, quanto nas ficções

---

vice-presidente da Associação Moçambicana de Cineastas, criada em 2003. Informação disponível em <http://www.buala.org/pt/autor/camilo-de-sousa>. Acesso em 05 fev 2017.

<sup>2</sup> É considerada um nome fundamental do cinema moçambicano. Nascida em 1964, em Maputo, ingressou em 1984 no Instituto Nacional de Cinema. Foi membro fundador da primeira cooperativa independente de Vídeo (“Coopimagem”) e da Associação Moçambicana de Cineastas. Assinou vários filmes, de que se destaca Ngwenya, *O Crocodilo*. Informação disponível em <http://agenciasn.com.br/arquivos/1101>. Acesso 05 fev 2017.

<sup>3</sup> Nascido em 1931, em Lourenço Marques, atual Maputo. Em 1952, partiu para Paris a fim de estudar cinema no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos,. Em 1958, mudou-se para o Brasil e participou do Cinema Novo, contribuindo com o seu conhecimento técnico e dirigindo filmes como *Os cafajestes* (1963), seu primeiro longa-metragem, *Os fuzis* (1964), e mais tarde *Os deuses e os mortos* (1970). Em 1975, retornou a Moçambique, já independente, sendo convidado pelo governo do país a participar da criação do Instituto Nacional de Cinema. Ali realizou o primeiro longa-metragem moçambicano, *Mueda, memória e massacre* (1979). Informação disponível em [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ruy\\_guerra](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ruy_guerra). Acesso 05 fev 2017.

---

dos três países, seja através das imagens de arquivo ou da composição ficcional, por exemplo: jipes entrando violentamente nas comunidades; crianças e mulheres carregando armas e munição no meio da mata; a importância das estruturas sociais tradicionais, apesar da tentativa de nacionalização/internacionalização dos movimentos de libertação.

Com esta observação, não se pretende diminuir ou relativizar a importância destes elementos que aparecem repetidamente nos filmes, e que sinalizam questões de relevância, como o papel fundamental das mulheres nas lutas, mas apontar de forma mais concreta esta formação do imaginário que reforça o perfil combativo dos angolanos, moçambicanos e guineenses frente aos colonizadores portugueses.

Sabe-se que quaisquer narrativas, sejam cinematográficas, memorialísticas ou históricas, ao elegerem os elementos merecedores de atenção acabam – intencionalmente ou não – por encobrir ou silenciar outros, que podem a partir do seu reconhecimento, iluminar outras perspectivas relativas ao passado. Assim, a programação da mostra também incluiu filmes que permitem pensar as lutas de independência e, sobretudo, os seus desdobramentos, a partir de outros pontos de vista. Nesta perspectiva podemos considerar os filmes, as presenças e os textos sobre as obras de Raquel Schefer<sup>4</sup>, Mathieu Kleyebe Abonnenc<sup>5</sup> e Flora Gomes<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Nasceu no Porto em 1981. É realizadora e doutora em Estudos Cinematográficos na Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Publicou o livro "El Autorretrato en el Documental" em 2008, na Argentina, país onde concluiu um mestrado em Cinema Documental. Realizou curtas-metragens e vídeos, apresentados em diversos festivais e exposições. Informação disponível em <http://www.buala.org/pt/autor/raquel-schefer-0>. Acesso em 05 fev 2017.

<sup>5</sup> Nasceu em 1977, na Guiana Francesa e vive na Itália. Através de projetos de vídeo, fotografia, instalações, desenho ou exposição, ele explora os princípios por trás da presença dominante de elementos e eventos pré-existentes - notadamente aqueles ligados à história imperial e às colônias dos chamados países "desenvolvidos". Informação disponível em <http://www.marcellealix.com/artistes/oeuvres/2/mathieu-kleyebe-abonnenc>. Acesso em 05 fev 2017.

<sup>6</sup> Nasceu em 1949 em Cadique. Estudou cinema no ICAIC em Cuba e no Senegal. Trabalhou como repórter, ligado ao Ministério da Informação. Principais trabalhos: *Morte Negada* (1987), *Os olhos azuis de Yonta* (1992), *A máscara* (1993), *Pau de Sangue* (1996), *República de*

---

Utilizando os filmes de família como caminho para a pluralização das narrativas históricas, Schefer problematiza as relações entre história e memória, ressaltando o movimento já existente tanto no campo artístico quanto historiográfico de deslocamento destes materiais dos arquivos familiares para a arena pública, por assim dizer. Ao efetuar esse deslizamento dos arquivos, evidenciam-se “novos métodos historiográficos e de outros tipos de interferência entre público e privado; é também uma reescrita simultânea da história geral e da história do cinema” (Schefer, 2016:137). Assim, a realizadora e teórica chama atenção para a reescrita da história no cinema e do cinema, cruzando filmes de família, filmes experimentais e políticos.

Ela localiza os seus filmes, *Nshajo (O jogo)*, de 2010, e sobretudo *Avó (Muidumbe)*, realizado em 2009, neste universo. Em *Avó (Muidumbe)*, Schefer articula sequências filmadas por seu avô, que fez parte da administração colonial em Moçambique, com sequências captadas por ela mesma no Jardim Botânico de Lisboa e em Trás os Montes, nas quais ela retoma, a partir da repetição tanto dos movimentos realizados por sua avó nos trechos moçambicanos, quanto pela repetição das convenções dos filmes de família, um tensionamento que transformando e deslocando o visto e o dito, trata de maneira fabular e crítica a herança colonial.

Por sua vez, e seguindo uma perspectiva próxima, Mathieu Kleyebe Abonnenc é um artista que trabalha em vários suportes e que se interessa especialmente, como destaca Emi Koide (2016:145-149), por questões que ficaram obscurecidas na narrativa da história colonial europeia em relação ao continente africano. Desta forma seu trabalho se constitui a partir do deslocamento de sentido de materiais de arquivo, que são retrabalhados de forma a revelar uma contra-história, composta de estilhaços, faltas e silêncios.

---

Entre os seus filmes exibidos está o *Prefácio a Fuzis a Banta* (*Preface à des fusils pour Banta*, 2011), definido por Koide como um filme hipótese, homenageando *Fuzis a Banta* (*Fusils pour Banta*), filme desaparecido de Sarah Maldoror, cuja filmagem aconteceu em 1970 .

A partir dos seus fragmentos que sobraram sabe-se que o filme tratava sobre as lutas de libertação na Guiné-Bissau e Cabo Verde. O *Prefácio...* problematiza, a partir da reflexão de Madoror -que também tem dois importantes filmes na mostra (*Monangambee* (1968) e *Sambizanga* (1972)-, a guerra anticolonial, a presença das mulheres e crianças, suas incongruências e fracassos, apesar da vitória militar, que se desdobraram num impasse ainda contemporâneo no tocante à consolidação destas nações de uma maneira verdadeiramente autônoma.

Em *Tudo bem, tudo bem, vamos continuar* (*Ça va, ça va, on continue*, 2013), Abbonenc dialoga com o *Morte negada* (*Mortu nega*, 1988) de Flora Gomes, a partir da presença de Bia Gomes, ícone dos filmes de Gomes. E mesmo tratando da fundamental presença feminina na guerra de libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, a abordagem de Aboonenc se dá no sentido de pensar a função dos registros, pelos relatos-encenações de Bia Gomes, que são organizados de forma a não percebermos quando é Bia ou Diminga quem fala (personagem do *Morte negada*). Num outro momento do filme, o personagem cineasta branco português é confrontado por uma platéia quase completamente negra, que questiona as suas “boas intenções”, intenções ao tratar das relações coloniais já que ele estaria se apropriando do lugar de fala dos africanos. É uma proposta provocativa, que traz um forte teor de autocrítica a sua própria trajetória como artista.

No caso dos filmes e a presença de Flora Gomes nos debates e na oficina por ele ministrada, bem como o artigo de Jusciele Oliveira (2016: 75-82), permitem

perceber na trajetória do cineasta guineense o adensamento das reflexões sobre a importância e a necessidade das lutas de libertação, mas sem perder de vista a urgência da renovação das formas de pensar tanto sobre o passado, quanto sobre os projetos para o futuro.

Em *Morte negada* (*Mortu nega*, 1988), Gomes reconta a história da independência da Guiné-Bissau de forma que a personagem principal seja o povo guineense, evidenciando que a vitória sobre o colonialismo português se deu devido à colaboração coletiva e a continuidade da luta no que tange aos problemas políticos do pós-independência. Em *Árvore de sangue* (*Po di sangui*, 1996), a questão gira em torno do conflito entre a manutenção de uma tradição que se relaciona com a manutenção das árvores de uma tabanca (aldeia) e a destruição da natureza, gerando a seca e a desestruturação da comunidade, constituindo assim uma fábula que reflete sobre o papel dos africanos no mundo.

Por fim em *República de meninos* (*Republica di mininus*, 2012), aproveitando-se ainda da ideia fabular, Gomes conta a história de um país indeterminado nos quais os todos os habitantes são crianças, responsáveis por toda a organização política e social, contudo, elas não crescem. O único idoso que restou (seria um alter ego do próprio Flora Gomes?) possui um par óculos, capazes de enxergar o porvir. E a partir da aproximação entre ele e uma das meninas, o diretor persegue o desejo de futuro que já aparecia nos seus filmes anteriores, nos quais a presença das crianças como depositárias de um futuro livre e próspero que precisa ser conquistado, mas que contudo, seria impossível com o esquecimento do passado, apontando que apesar dos reveses do presente, para ele a utopia ainda é um caminho possível.

Relação de Filmes da Mostra África(s) Cinema e Revolução					
Título	Direção	Ano	Local – Produção	Tempo	Formato
25	Celso Luccas e	1975	Moçambique   Brasil	140'	Blu-ray

	José Celso Martinez Corrêa				
A Colheita do Diabo	Licínio Azevedo e Brigitte Bagnol	1988	Moçambique   França	52"	DVD
A República dos Meninos (República di Mininus)	Flora Gomes	2012	Portugal   Guiné-Bissau   Bélgica   Alemanha	78'	DCP
Árvore de Sangue (Po di Sangu)	Flora Gomes	1996	Guiné-Bissau   França   Portugal   Tunísia	95'	35mm
Assim Estamos Livres, Cinema Moçambicano 1975-2010	Silvia Vieira e Bruno Silva	2010	Portugal	16'	DVD
Avó (Miudumbe)	Raquel Schefer	2009	Portugal   França	11'	Blu-ray
Empoderadas. Ana Koteban	Renata Martins	2015- 2016	Brasil	5'	DVD
Empoderadas. MC Soffia	Renata Martins	2015- 2016	Brasil	5'	DVD
Empoderadas. Thais Dias	Renata Martins	2015- 2016	Brasil	8'	DVD
Estas são as Armas	Murilo Salles	1978	Moçambique	60'	Blu-ray
Hóspedes da Noite	Licínio Azevedo	2007	Moçambique	53'	DVD
Kuxa Kanema. O Nascimento do Cinema.	Margarida Cardoso	2003	Portugal   Moçambique   França   Bélgica	52'	Blu-ray
Makwayela	Jean Rouch	1977	Moçambique   França	19'	DVD
Maputo, Meridiano Novo	Santiago Álvarez	1976	Moçambique   Cuba	16'	DVD
Monangambée	Sarah Maldoror	1968	Angola   França	15'	DVD
Morte Negada (Mortu Nega)	Flora Gomes	1988	Guiné Bissau   França	85'	DVD
Mueda, Memória e Massacre	Ruy Guerra	1979- 1980	Moçambique	80'	DVD
Mulheres da Guerra (Women of the War)	Ike Bertels	1984	Holanda	50'	DVD
Na Cidade Vazia	Maria João Ganga	2004	Angola   Portugal	90'	Blu-ray
Noticieros ICAIC N. 736	Daniel Diaz Torres e Miguel Torres	1975	Cuba	4'	DVD
Noticieros ICAIC N. 739	Daniel Diaz Torres e Miguel Torres	1975	Cuba	4'	DVD
Nova Sinfonia	Santiago Álvarez	1982	Moçambique   Cuba	39'	DVD
Nshajo (O Jogo)	Raquel Schefer	2010	Portugal	8'	Blu-Ray
O Milagre da Terra Morena (El Milagro de la Tierra Morena)	Santiago Álvarez	1975	Angola   Cuba	20'	DVD
Operação Búfala Os	Ruy Guerra	1978	Moçambique	25'	DVD
Comprometidos – Actas de um Processo de	Ruy Guerra	1982- 1984	Moçambique	42'	DVD

Descolonização					
Os Comprometidos (Mozambique, or Treatment for Traitors)	Ike Bertels	1983	Holanda	51´	DVD
O Tempo dos Leopardos (Vreme Leoparda)	Zdravko Velimorovic e Camilo de Sousa	1985	Moçambique   Iugoslávia	91´	DVD
O Vento Sopra do Norte	José Cardoso	1987	Moçambique	90´	DVD
Prefácio a Fuzis para Banta (Préface à des fusils pour Banta)	Mathieu Kleybe Abonnenc	2011	França	25´	Blu-ray
Redenção (Redemption)	Miguel Gomes	2013	Portugal   França   Itália	27´	DCP
Sambizanga	Sarah Maldoror	1972	Angola   França	102´	DVD
Tabu	Miguel Gomes	2012	Portugal   Alemanha   França   Brasil	118´	35 mm
Tudo bem, tudo bem, vamos continuar (Ça va, ça va, on continue)	Mathieu Kleybe Abonnenc	2013	Portugal   França	31´	Blu-ray
Um Filme Italiano, África, Adeus! (Na Italian Film. Africa Addio)	Mathieu Kleybe Abonnenc	2012	França	27´	Blu-ray
Um povo nunca morre	Ruy Guerra	1980	Moçambique	17´	DVD
Vovó Guerrilheiras – Como viver neste mundo (Guerrilla Grannies – How to live in this world)	Ike Bertels	2012	Holanda	80´	DVD
Xime	Sana Na N´Hada	1994	Guiné-Bissau   Holanda   França	95´	35mm
Yvone Kane	Margarida Cardoso	2014	Portugal   Brasil	118´	DCP

## Bibliografia:

Alix, Marcelle. *Biography: Mathieu Kleyebe Abonnenc*. Disponível em <http://www.marcellealix.com/artistes/oeuvres/2/mathieu-kleyebe-abonnenc>. (Acesso 05 de fevereiro de 2017)

Buala. *Camilo de Sousa*. <http://www.buala.org/pt/autor/camilo-de-sousa>. (Acesso 05 de fevereiro de 2017)

\_\_\_\_\_. *Raquel Schefer*. Disponível em <http://www.buala.org/pt/autor/raquel-schefer-0>. (Acesso 05 de fevereiro de 2017)

Cinefrance. *Flora Gomes*. Disponível em <http://www.cinefrance.com.br/filmes/profissionais/flora-gomes>. (Acesso 05 de fevereiro de 2017)

Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. *Ruy Guerra: Biografia*. Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ruy\\_guerra](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ruy_guerra). (Acesso 05 de fevereiro de 2017)

Martins, José Pedro. *Em Campinas, realizadora moçambicana conta como é fazer cinema na África da dor e da beleza*. Disponível em <http://agenciasn.com.br/arquivos/1101>. (Acesso 05 de fevereiro de 2017).

Monteiro, Lucia Ramos (2016). *África(s): cinema e revolução*, São Paulo: Buena Onda Produções Artísticas e Culturais.

---

\* Izabel de Fátima Cruz Melo. Licenciada em História pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em História da Bahia pela Universidade de Feira de Santana. Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo, onde desenvolve pesquisa sobre os espaços formativos do cinema da Bahia, entre 1968 e 1978. Professora de Teoria da História e Historiografia da Universidade do Estado da Bahia. Pesquisadora associada da Filmografia Baiana. Seus interesses de pesquisa vinculam-se a relações cinema e história, sociabilidades, percursos formativos, cineclubismo e festivais. Email: [izabelc.melo@gmail.com](mailto:izabelc.melo@gmail.com)